

AS AÇÕES ANTROPICAS NA FEIRA LIVRE PRODUTOR RURAL BEIRA DO RIO TAPAJÓS, MUNICÍPIO DE ITAITUBA.

Damião Oliveira De Souza Cavalcante, Raquel Peres Rocha.¹

Resumo: Esta pesquisa realizada na Feira do Produtor Rural de Itaituba para conhecer as ações antrópicas dos feirantes junto ao Rio Tapajós, perceber o tratamento e conhecimento dos mesmos na preservação ambiental do rio. A metodologia usada é empírica com técnica de levantamento de dados, através de pesquisa qualitativa, entrevista realizada com os feirantes para saber qual é a importância do Rio Tapajós, lembrando que a feira é localizada as margens do Rio, sendo na entrada e saída do porto da balsa, onde recebe milhares de viajantes. E diferentes das feiras existentes, a pesquisada in loco, é composta por moradores da zona rural e urbana de Itaituba, com uma identidade própria e singular. Onde a própria existência da feira torna-se somente possível com a preservação do Rio Tapajós.

Palavras-chave: Itaituba, Feira, Rio Tapajós, Preservação ambiental.

1 INTRODUÇÃO

Na antiguidade as feiras tinham o objetivo de promover trocas de mercadorias entre as pessoas de diferentes lugares e com diferentes itens. Com a queda do feudalismo e o surgimento do capitalismo, esse modo de comércio ganhou força e importância econômica. Inicialmente foram impulsionadas pelas Cruzadas, uma vez que naquela época as atividades comerciais deveriam atender as necessidades dos viajantes e com o tempo, as necessidades foram aumentando e se diversificando, bem como a população foi crescendo e as feiras, então, passaram a ter importância social, promovendo a comunicação e interação dos povos.

Com a expansão marítima (Séc. XV e XVI), a tradição das feiras foi levada para as colônias, no Brasil trazidas por imigrantes europeus, tendo papel fundamental no desenvolvimento das cidades, não somente como um meio de aquisição de produtos, mas também local de encontro, de confraternização, onde pessoas de uma mesma comunidade e de comunidades vizinhas se encontravam, desempenhando assim um papel importante na interação social e intercâmbio cultural. Não há provas acerca da criação da primeira feira no Brasil, mas há registros de regimentos escritos

1 Damião Oliveira de Souza Cavalcante - Licenciado em História Plena, Faculdade de Itaituba, Especialista em História Sociedade e Cultura na FAT. damiaooliveira31@hotmail.com

2 Raquel Peres Rocha – Licenciado em História Plena, Faculdade de Itaituba - FAI, Especialista em Metodologias do Ensino de História pela Uninter. E Docência no Ensino Superior pela FAI.

por D.João III em 1548 e D.Afonso em 1677, ordenando a criação de feiras semanais na colônia para trocas entre os portugueses e nativos.

Partindo do princípio que os mesmos já estavam acostumados a reunir seus artigos em troca na praia para a posterior negociação, estas feiras acabaram por não se realizar, as feiras ordenadas por D. João III não ocorriam e por conta disso, não realizaram feiras na colônia durante um bom tempo, e a partir do Séc. XVII, as feiras de gado trazido da zona rural, intensificaram-se e naquela época, no Brasil, havia dois tipos de feiras. A feira de Mercado - como eram conhecidas as feiras livres - aos sábados, abasteciam a população, enquanto que a Feira Franca - feira de gado - ocorria duas vezes ao ano, destinada a comercialização de bens regionais, atraindo compradores e vendedores de diversas regiões (TREVISAN, 2008). Já no final do Séc. XIX, as feiras livres estavam instaladas nas ruas, oferecendo itens básicos de alimentação aos habitantes de suas comunidades

De acordo com Miriam C.S Dolzani (2008), a feira livre representa uma experiência peculiar de sociabilidade e de uso da rua, que há décadas vem sofrendo acusações de obsolescência devido ao modernismo, o aumento do número de automóveis nas ruas e das novas formas de varejo, como vendas pela internet, o surgimento de grandes supermercados e Hortifruti. Como consequência, a feira livre sofreu mudanças e um certo declínio que, porém, não a fez desaparecer como lugar público, de rua, de encontro e sociabilidade. Nesse sentido, preservar a feira livre é preservar um espaço de cultura tradicional popular e urbana, uma questão de cidadania. Ainda segundo Dolzani (2008) as feiras livres destoam na paisagem moderna das cidades, mas mesmo assim resistem nessa paisagem contemporânea, pode-se dizer, por dois motivos: por um lado há os que precisam sobreviver materialmente (feirantes) e por outro lado há aqueles que zelam pela sobrevivência sócio-cultural. Por isso a autora diz que a feira livre é como uma filha rebelde da modernidade que insiste em desafiá-la.

Marina Morelli (2011) diz que as feiras se apropriaram do espaço público e trazem uma movimentação atraente para ruas e praças e mais do que lugares onde se comercializam produtos há a troca de cultura e afetividade entre as pessoas, assim ressalta o valor cultural da feira livre e ainda aponta para seu valor histórico ao indagar

o quão curioso é pensar que uma solução de distribuição de alimentos que surgiu na Idade Média seja ainda condizente com os parâmetros urbanos atuais.

Para Luiz Roberto Mott (1975) - que em sua obra, buscou ilustrar o contexto histórico da feira livre e suas origens, afirmou ainda que esta tem atribuições sociais, econômicas, culturais, políticas, onde um certo número concreto de compradores e vendedores se reúnem com a finalidade de trocar ou vender e comprar bens e mercadorias.

A Feira do Produto Pará do município de Itaituba, localizada na margem esquerda do Rio Tapajós, no Porto da Balsa, principal entrada e saída do centro urbano da cidade. Há mais antiga em atividade, com a Associação do Produtor Rural de Itaituba como coordenação, fundada em 1985. Com mais de 60 associados, passando a ser objeto de estudo deste artigo.

Conhecer a ação antrópica da presença dos feirantes junto ao Rio Tapajós é o principal causa dessa pesquisa. Além de analisar qual é a concepção dos feirantes sobre a importância da preservação ambiental do referido rio. Como também refletir sobre os cuidados dos produtores rurais com o destino do lixo produzido pela feira.

Perceber essa realidade in loco da preservação do rio Tapajós por parte dos feirantes é o objetivo desta pesquisa e verificar qual é a importância e consciência através da educação ambiental que os mesmo possuem na manutenção do espaço que ocupam.

2 MATERIAL E MÉTODO

A metodologia realizada na pesquisa foi através de um levantamento de dados, obtidos em uma pesquisa qualitativa, com a realização de entrevista aos feirantes e aplicação de um questionário com perguntas subjetivas e semi estruturadas. A pesquisa foi realizada no dia 11 de abril de 2015 na própria Feira Livre do Produtor Rural, sendo entrevistados cinco feirantes.

A senhora presidente da Associação do Produto Rural, Francisca da Conceição Costa. Os feirantes Maria Joana Clara de Oliveira, José Lima de Oliveira, Henrique Ferreira Santiago e vendedora de comida caseira Maria Elza Santos de Sousa.

3 RESULTADO E DISCURSSÃO

O resultado da pesquisa coletada através das entrevistas evidenciou que os feirantes reconhecem que a preservação ambiental do Rio Tapajós é de fundamental importância para a manutenção e continuidade da existência da própria feira livre.

A primeira entrevista com a presidente da Associação do Produtor Rural de Itaituba, Francisca da Conceição Costa, que prontamente aceitou colaborar com esta pesquisa. A mesma relatou que a feira é organizada através da Associação, há 30 anos, desde 1985. Onde os sócios contribuem com uma taxa para manutenção da entidade. Onde juntos lutam para continuidade dos trabalhos dos feirantes que são produtores rurais do próprio município.

Os produtos como as frutas e hortaliças quase todos são produzidos na zona rural do município, que são trazidas para serem comercializadas na feira. Também os próprios feirantes trabalham na produção dos produtos comercializados na feira. E a maioria tem suas áreas de trabalho, chamadas de colônias. Alguns produtos são de origens de outros estados, que são adquiridos pelos feirantes para serem vendidos na feira.

Uma comunidade de boa participação no abastecimento da feira é a comunidade Santa Rita, e de farinha da mandioca, a comunidade do Itapacurazinho. Mais o ponto importante destacado pela senhora Francisca sobre a limpeza da feira e cuidado em não jogar lixo no Rio Tapajós e nem nas ruas.

Quando assumi a presidência da Associação dos Produtores, a questão do lixo era precária, perto da frente da feira, tinha um local, onde ficar cheio de lixo, onde animais, como urubus ficam direto, isso causava sério problema para os feirantes. Mais com muita determinação, e a pavimentação da rua principal, foi possível a retirada desse entulho. E deste então, foi colocado uma placa proibindo jogar lixo! (Francisca da Conceição, presidente da Associação do Produtor Rural de Itaituba, 2015).

Nessa fala, percebemos a importância da limpeza e higiene do espaço urbano e da própria feira livre. Também foi dito que cada feirante armazenam em sacos de lixo os seus resíduos, que são diariamente recolhidos pela prefeitura que realiza a coleta de lixo na cidade.

Quando perguntado sobre a importância do Rio Tapajós, a senhora Francisca deixa claro, que sem o Rio, que é a principal porta de entrada da cidade, devido a

localização da Feira, seria impossível imaginar a existência da feira, pois a relação dela com o rio é marcante. Pois sem ele, a feira não existiria destaca a presidente.

O casal de feirantes José Lima de Oliveira, 62 anos, maranhense, vindo para trabalhar no garimpo, e a senhora Maria Joana Clara de Oliveira, 63 anos, maranhense. Estão deste a fundação da feira em 1980. Destacam que deste trabalho, criaram os filhos e netos, o sustento veio direto do trabalho de venda na feira.

O relato sobre as dificuldades de infraestrutura da feira foi um dos pontos destacado por eles, sendo percebido nas suas falas:

A infraestrutura da feira sempre foi precária, pois antes da pavimentação, as barracas sofriam com desgastes do tempo e da chuva. E somente com o asfalto e pavimentação houve uma melhoria. Mais não recebemos apoio de prefeito e nem governador! Nossas barracas são construídas por nós mesmo, cada um faz a sua! (José Lima, feirante, 2015).

A organização da feira é por conta dos feirantes, onde o companheirismo é presente, quando cada um ajuda o outro, dando espaço para venda dos produtos vinda dos produtores rurais, pois nem todos tem condição de ter suas barracas. Foi possível perceber que sem a relação de ajuda entre os feirantes a própria feira poderia não existir mais. Isso em um mundo competitivo e individual.

Outro feirante que colaborou com a pesquisa o Sr. Henrique Ferreira Santiago, 17 anos trabalhando na feira, com venda de arroz, farinha e milho. O mesmo destacou que veio para trabalhar no garimpo, devido à queda de produção mineral, teve que trabalhar em outra atividade. E como feirante, foi possível conquistar melhorias em sua vida pessoal.

A principal dificuldade sobre a questão ambiental:

A estrutura da própria feira, ainda não é adequada, pois não há uma padronização nas barracas, assim cada feirante improvisa, e no lixo, tem pessoas que não tem cuidado, e jogam mesmo no meio da feira, prejudicando a todos! Falta consciência de alguns feirantes! (Henrique Santiago, feirante, 2015).

Para o sr. Henrique, o trabalho na feira, é de grande importância, pois, a feira possibilitou criar oferecer educação aos filhos e adquirir bens e uma qualidade de vida boa. E o cuidado com Rio Tapajós é algo que deve vim de cada um. Fazer sua parte!

A entrevista com a sra. Maria Elza Santos de Sousa, conhecida como Paula da baiuca, é a mais antiga que vende na feira. Sendo que existem mais de 500 barracas

de venda de comidas caseiras dentro do espaço urbano da feira, que vai deste o Porto da Balsa ao final do cais. Ela trabalha a mais de 29 anos. E destaca que quais são os cuidados como é tratamento do destino dos resíduos produzidos pelas barracas.

A água das torneiras é do rio Tapajós, que é só usada para lavar as louça e a barraca, mais para cozinhar é comprado à água mineral. E a saída é direta para o rio, não há tratamento de esgoto, cai tudo no rio! (Maria Elza, cozinheira, 2015).

Nessa fala, percebemos um dos grandes problemas que o Rio Tapajós sofre, pois na cidade não há tratamento de esgoto, tudo deságua no rio. Assim contaminando a própria água que é usada por todos. Um grande desafio para o poder publica é o saneamento básico de tratamento de esgoto que não existe no município.

Quando perguntando sobre o cuidado com lixo, a mesma relatou que alguns não sabem destinar o lixo em local adequado para a coleta. Jogando em vias da própria feira. E uma questão ainda ser tratada. Pois a limpeza de dentro do espaço da feira é de responsabilidade dos próprios feirantes, onde o poder publico só realiza a limpeza na parte externa, deixando por conta dos feirantes a interna.

4 CONCLUSÃO

A consciência da importância da preservação ambiental do Rio Tapajós pelos feirantes é algo real, assim como a própria existência da feira. No entanto, mesmo recentemente o cuidado com o destino do lixo, com a coleta deles, falta tratamento de esgoto, um dos maiores problemas ambientais para a sobrevivência do rio.

Sabendo que o saneamento básico e o tratamento da rede de esgoto é um problema de toda cidade, não somente da feira, na qual é objeto de pesquisa. Mas, os feirantes sabem que a localização da feira no porto da balsa, uma das principais entradas e saída da cidade, favorece a vida econômica da feira, onde recebe visitantes em transito.

Os feirantes da Feira Livre do Produtor Rural são residentes na zona rural e urbana de Itaituba, dessa forma a identidade dos mesmos torna-se peculiar e própria, onde o companheirismo e solidariedade tornaram-se essencial, pois foi percebida a união entre os feirantes durante a pesquisa, provando que o trabalho coletivo marca a sobrevivência e existência da feira. E o Rio Tapajós é alma desta feira.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos colaboradores que participaram dessa pesquisa, os feirantes e ao município por essa oportunidade de participar desse livro.

REFERÊNCIAS

TREVISAN, Emerson; **A feira livre em Igarassu: uma análise a partir dos dois circuitos da economia; a convivência do formal e o informal**; Dissertação (Mestrado em Geografia). UFPE - Recife, 2008.

DOLZANI, Miriam C.S; **Feria Livre: Territorialidade Popular e Cultura na Metrópole Contemporânea**; Ateliê Geográfico Revista Eletrônica UFG - IESA, 2008.

MORELLI, Marina Briza; **Vá Pra Feira (.com). Um Projeto de Incentivo ao Uso do espaço Público**; Trabalho final de Graduação 2011 - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Escola da Cidade.

MOTT, Luiz Roberto; **A feira de Brejo Grande: estudo de uma instituição econômica num município sergipano do Baixo São Francisco**; Tese de Doutorado (Ciências Sociais). UNICAMPI, 1975.